dezembro 70 nº8

O COMUNISTA

O ARREPENDIMENTO DA "FRENTE"

Discutir o problema da "Frente" de Argel, porquê e para quê ?
O "golpe de Estado" significa uma modificação importante no xadrêz politico nacional, ou trata-se, simplesmente, de mais um episódio da desagregação do revisionismo ?
Que tem a extrema-esquerda a ver com esta "revolução a palaciana" ?
Qual a posição correcta dos marxistas-leninistas em relação a esta história ?

Montada de todas as peças, dirigida e teleguida pelo P."C".P., a "FRENTE" de Argel foi um aparelho ao serviço do revisionismo. Canalizando os seus esforços no sentido da denuncia dos militantes marxistas-leninistas (1).

Evoluindo nos ultimos dois anos para soluções de JÁ via revolucionária, directamente inspiradas do castrismo, a "Frente" de Argel não foi até hoje senão um grupo de gente bem instalada, desligada das massas e das realidades concretas, demagógica (2)e "politiqueira".

Entretanto, o movimento marxista-leninista, "o inimigo publico nº 1", apesar dos erros, das crises e oscilações, tem-se desenvolvido e é hoje uma verdadeira força militante.

E aí é que a porca torce o rabo : porque, enquanto as discussões se passam entre os democratas, os revisionistas e os activistas, a cena politica continua a ser ocupada por tendências legalistas ou colaboracionistas com a dominação burguesa.

O que constitui a garantia de a iniciativa politica nunca pertencer ao proletariado, e de as massas populares serem sempre utilizadas pelos políticos de carreira e pelas forças tecnocráticas e neo-capitalistas.

Mas a tranquilidade e sossêgo destas tendências desaparece quando percebem que as lutas populares se desenrolam (mesmo expontâneamente), sob outra óptica, clara e revolucionaria : a óptica da luta de classes, radical e independente das manigâncias politicas discutidas à volta de uma mesa.

E este novo sentido de acção politica aparece ultimamente nas posições de importantes sectores estudantis (3), operários (4) e militares (5).

E então que se põe o problema aos dirigentes da "FRENTE" : Que fazer ? O movimento revolucionário Português tomou outra direcção, já não nos escutam... como voltar a "dirigir"? Como voltar a "apanhar o comboio ?". E tudo foi simples : "golpe de estado", denuncia do P."C"P. "autocritica" na radio, fala-se no socialismo, na necessidade da acção armada (!), tenta-se novo recrutamento, e vamos a ver o que isto vai dar.

Toda esta nova orientação parte dos seguintes principios : "A Frente de Argel tem um nome, uma tradição, um capital politico, uma responsabilidade histórica a defender".

Vejamos :

O QUE É UMA FRENTE ?

1. A FRENTE POPULAR

A Frente é uma estrutura fundamental para a tomada do poder, e engloba as massas populares (operariado e campesinato), e classes intermédias oscilantes (sectores da pequena burguesia). A Frente, apresenta-se pois em aberta contradição com as teorias trotskystas e obreiristas, que definem o proletariado como a única classe participante no processo revolucionário.

Esta Frente é dirigida pelo Partido, cuja constituição engloba o núcleo mais duro e revolucionário, o proletariado, e militantes de outras origens sociais que aceitaram a ideologia e a prática dessa vanguarda. Esta Frente aparece e forma-se na luta e é consequência do agravamento progressivo das contradições existentes entre a burguesia e a massa trabalhadora.

Exemplifiquemos :

Hoje, a luta dos operários do Barreiro e dos estudantes de Lisboa, a organização das ba-

talhas de rua contra a polícia num espírito de unidade da base é o aspecto mais importante da construção de uma unidade popular conduzida pelo proletariado. Relativamente a estes factos, todas as tentativas tipo "Frente" de Argel, estão condenadas ao fracasso pela ausência de ligações reais com as massas.

À "unidade de cúpula" da Frente nós opomos uma linha de massas, uma luta de unidade popular conduzida pelo proletariado em todos os momentos do processo revolucionário.

Esta, a estrutura de Frente segundo os comunistas ; como vemos, ela parte da análise das classes exploradas e intermediárias da exploração, e da concepção que o militante comunista é um elemento seleccionado na luta, constituíndo, por conseguinte, uma vanguarda e não a generalidade das massas. Daí que esses militantes acabem por contituír o Partido, elemento organizador e dirigente da Frente (a generalidade das massas).

2. AS FRENTES DE LIBERTAÇÃO E ANTI-FASCISTAS

Nos países colonizados ou invadidos por exércitos estrangeiros, é possível a constituição de outros-géneros de Frente : A Frente de Libertação Nacional e a Frente Anti-Fascista (cujas origens teóricas remontam aos anos trinta e atingiram grande prestígio durante a ultima Grande Guerra, dada a necessidade de unidade a todo o custo contra a agressão Hitleriana).

Estas Frentes assentam em todas as classes que não estão directamente ao serviço do inimigo : a média burguesia e mesmo importantes sectores da grande burguesia, se podem aí integrar.

Que se passou em Portugal ?

A seguir a 1945, assistimos à tentativa da construção de uma Frente representando partidos e tendências diferentes (Mud e Munaf). Claro que as opções políticas diferentes das do proletariado, provinham de classes abastadas da média e grande burguesia. Eram os chamados democratas e republicanos. O erro de análise do P."C".P., foi o de não ter percebido que a Frente anti-fascista não tinha razão de ser em Portugal, que as massas populares é que tinham a força e a capacidade organizativa, que a Frente a constituir era a Frente de luta dos explorados e de sectores oscilantes da pequena burguesia contra os exploradores, fossem eles a favor dos Alemães ou dos Aliados.

A formação do MUD colocou o proletariado debaixo das ordens de anti-comunistas, e de tal maneira a traição foi longe, que Salazar conseguiu controlar toda a actividade desse movimento através de democratas que pertenciam ao seu Comité Central (e que, evidentemente, eram "socialistas"...).

O erro de análise científica desta linha política assenta no "esquecimento" da verdadeira natureza da nossa burguesia.

Essencialmente colonialista e parasitária, descobriu no método de "repartir o bolo colonial" a solução para as suas contradições. A importação e a exportação das colónias era e continua a ser a grande razão do ser da sobrevivência e desenvolvimento da industria portuguesa.

Na medida em que Frente Anti-fascista tem o significado de Frente Anti-colonialista, pelo menos para o proletariado revolucionário, é evidente que o caminho era errado e condenado a um fracasso, não se tratando senão de uma jogada hábil e contemporizadora da burguesia nacional, assustada com o avassalador aumento da agitação popular em 45.

O tempo passa, e, em consequência do movimento de massas de 1958, originado pela campanha eleitoral de Humberto Delgado, o P."C".P. fabrica nova Frente Anti-fascista. Desta vez, no exílio, e sem se preocupar com que partidos ou tendências seriam representados.

E assistimos então ao espectáculo incrível de ver "dirigentes" da revolução que não representam ninguém senão a eles próprios (6), debatendo-se com contradições internas, na maioria dos casos originados pelo carreirismo. E a sua actividade de varios anos limitou-se ao ataque aos marxistas-leninistas, às emissões de radio, à impressão de alguns textos e jornais, ao lançamento de palavras de ordem demagógicas. Ao menos que cada um tentasse arranjar o seu "pequeno partido" ; pelo menos tinham auxiliado a evolução política nacional.

Assim, nem são elementos de uma "Frente" segundo a ideia de união de massas populares, nem dirigentes de "Frente Anti-fascista", pois nesse caso teriam de representar tendencias políticas definidas, com trabalho concreto no interior. Chegamos ao fim : a "Frente" de Argel é uma organisação mítica, consequencia directa da prática oportunista do revisionismo. Sem representatividade nas massas, deve a divulgação da sua sigla, única e exclusivamente ao trabalho dos militantes do P."C".P. E nada mais.

A "Frente" de Argel pode estar tranquila : não tem nem nome, nem história, nem capital político a defender. Terá quando muito responsabilidades históricas na sabotagem revisionista do movimento operário. Mas isso é outro caso a resolver em outra oportunidade, e será a luta de massas quem julgará.

A posição dos Marxistas-leninistas.

Os m-l não são sectários nem dogmáticos, e compreendem perfeitamente que cheguem hoje ao movimento revolucionário camaradas anteriormente iludidos pelo revisionismo. O que eles não aceitam é que as mesmas opções políticas continuem por outros processos, só diferentes na aparência. Daí a nossa preocupação em nos definirmos, e em tentar examinar o que os outros militantes, em ruptura real ou aparente com o revisionismo, significam verdadeiramente.

Por exemplo :

Quando se processa uma cisão, os cisionistas têm de explicar os motivos teóricos da sua atitude ; o que implica um ataque frontal à antiga organização a que pertenciam. Esta, a correcta posição política ; esta, a linha de acção que os actuais dirigentes da Frente não seguem.

Perguntamos : porque não há uma linha no "Portugal Informação", de denúncia do P."C".P.? Porquê essa tentativa de, mesmo depois de uma cisão, continuar a tentar uma espécie de coexistência ? Afinal a cisão tem motivos políticos sérios, trata-se de uma divergência de linha, ou é um arrufo de namorados ? Como querem os actuais dirigentes da "Frente", exibindo um oportunismo tão descarado, que as forças revolucionárias estejam prontas ao tal diálogo, à tal colaboração ?

Mas há mais : (2)

A concepção da luta armada defendida pela actual "Frente", assenta no "estímulo" que a acção espectacular pode provocar ; o que faz parecer como uma gota de água com o espírito da LUAR, e relativamente com o programa da FAP, PRT-

história do movimento m-l português.

Hoje, os comunistas repararam que a "acção armada", "violência revolucionária", etc., são termos frequentemente utilizados por forças políticas que não têm absolutamente nada a ver com a libertação do proletariado. Essas expressões servem frequentemente para justificar o activismo pequeno-burguês ; na prática, essa posição provoca uma desmoralização das forças revolucionárias da sua tarefa actual : a construção do partido do proletariado (7).

Mas o que é curioso é que os actuais dirigentes da Frente, "finalmente libertada do revisionismo" perceberam perfeitamente que a "velha linha" já não pegava, que não podiam continuar a falar no objectivo de revolução democrática nacional. E eis que aparece indicado como fim em vista, o socialismo !

Mas para atingir esse objectivo, é preciso um partido do proletariado, camaradas "Argelinos". Não pode ser uma "Frente" que cai do céu aos trambulhões e que diz que quer dar a palavra a todos os revolucionários, que pode executar esse programa ! Esse plano é possível de executar, mas unicamente através de uma linha de massas que seleccione os seus elementos no combate através de uma radicalização progressiva das lutas ; e nessa altura, a arma do proletariado, não poderá ser senão um partido coeso e unido, cuja táctica e estratégia assente na luta de classes, nas necessidades do dia do povo trabalhador e não nos acordos e manobras dos aparelhos políticos. Esta é a linha correcta de acção armada, porque partirá necessáriamente das aspirações das massas, constituirá o corolário da revolta dos explorados, e, ponto fundamental, será um tipo de acção política superior, a acção violenta, sempre possível de ser praticada pelos trabalhadores.

Digamos que, no essencial, nos recusamo-nos a aceitar o estímulo de acção sensacionalista, que preferindo-lhe a acção simples e directa de sabotagem, do ataque às forças repressivas, da eliminação dos pides, etc. A acção sensacional e publicitária pode ser importante para consolidação do movimento revolucionário, mas nunca poderá ser o ponto de arranque para a formação das condições subjectivas.

Resumindo :

As perguntas a fazer à actual "Frente" são as seguintes :

1. Para atingir o socialismo, o proletariado necessita ou não, de um partido comunista ?

2. Se a "Frente" acha que o proletariado necessita de um partido, qual é esse partido? O P."C".P., o partido que nascerá da luta dos marxistas-leninistas, ou um eventual partido a ser criado por actuais dirigentes da "Frente".

3. Se a "Frente" acha que o proletariado não necessita de um partido, conta utilizar os trabalhadores como "massa de manobra" ?

4. A "unidade de todos os revolucionários", em que bases assenta ?

Por outras palavras : qual é a aliança de classes que justifica a unidade dos revolucionários ?

É a aliança operário-camponesa, ou a "unidade" proletariado-camadas da burguesia ?

Só a resposta a estas questões responsabilizará a "Frente" perante o proletariado português ; até lá, promessas leva-as o vento...

A esquerda que quere colaborar.

A despolitização profunda dos militantes portugueses, a sua ignorância do trabalho de massas e das necessidades organizativas da luta revolucionária comunista, leva-os a cair frequentemente em desvios oportunistas. Consequência normal deste estado de fraquez organizativo, o "escândalo de Argel", espevitou os ânimos de muita gente e reanimou narcotizados e adormecidos.

Ainda por cima, Argel promete que a rádio será posta ao serviço de quem a quizer utilizar. Mas o que os comunistas que querem construir um partido não podem fazer é caucionar com a sua participação nenhuma experiência oportunista. Quer dizer que a miragem de rádio, qual casaco de peles que o capitalista utiliza para seduzir a prostituta, não funcionará senão em relação a quem não tiver consciência correcta da acção revolucionária no interesse do proletariado.

Não há saída, camaradas !

A revolução é uma questão de trabalho político e mais trabalho político, e não uma questão técnica. Que nos interessa ter um rádio se ninguém nos escutar, ou se não seguirem as nossas palavras de ordem ?

Que nos interessa ter um arsenal com centenas de armas, se não possuimos as condições subjectivas para as utilizarmos ?

Que nos interessa ter magníficas e frequentes edições, se não montarmos o correspondente aparelho de distribuição ?

E como vamos encontrar as condições subjectivas ? Não é com milhares de contos, nem com auxílios internacionais que nos sirvam de exemplo o P."C".P., o C.M.L.P., a L.U.A.R. e a F. P. L. N.

As condições subjectivas só se conseguem com uma acção política constante e sistemática no seio das massas trabalhadoras ; são os camponeses e os operários quem assegurarão a solução para todas as fraquezas técnicas que possuímos.

Conclusão

O golpe de Argel apresenta-se, politicamente, como a última tentativa da burguesia radical. Para os marxistas-leninistas, trata-se de mais um acidente do revisionismo, no seu triste caminhar para a morte.

As possíveis discussões ou contactos a ter com a "Frente", só podem ter como base as propostas anteriormente indicadas.

A nossa posição não é sectária, e estamos prontos a colaborar com militantes de outras tendências, com a condição explícita e concreta de se aceitar a nossa opção política : A definição de uma correcta linha de massas, verificada por uma prática constante e pela sua correspondente teorização, o que irá provocar a formação do partido político da classe operária, da Frente Popular e do seu exército, armas que exterminarão a burguesia e implantarão o poder do povo e a ditadura do proletariado.

NOTAS :

(1) Há alguns anos, em Argel, a polícia Argelina prendeu vários militantes marxistas-

leninistas ; gostaríamos de saber qual a responsabilidade destes acontecimentos, dos dirigentes da "Frente", e se não têm nada a ver com o caso, pois que indiquem quem são os responsáveis -já que se zangaram as comadres, que apareçam as verdades !

(2) Quando o ditador Salazar caiu da cadeira e foi afastado da cena política, aí tivémos a Radio Liberdade gritando aos quatro ventos para o povo sair para a rua e pegar em armas ! Como se o povo fôsse parvo, e se deixasse exterminar de mãos nuas, pelas balas da repressão ! Como se a revolução fôsse um caso de geração expontânea, desligada de uma prática longa e sistemática ! Não há dúvida que a ideai do "levantamento nacional" formou teòricamente muita gente.

(3) O gelo quebrou-se : durante anos agarrados à palavra de ordem neo-capitalista "Universidade para a Nação", alguns sectores do movimento estudantil começaram a definir a sua táctica em relação às necessidades de luta das massas trabalhadoras, e tentam colocar-se estratégicamente como um importante aliado da revolução dos explorados.

(4) Lisnave, Covina, Cabos de Ávila, manifestações de Maio na Zona Sul, tudo isto significa uma evolução no nosso movimento operário, e constitui uma ruptura nos hábitos legalistas e pacifistas do passado. Os fracassos a que conduziram a maioria destas lutas não são uma acusação à justeza do processo, mas sim uma prova de que as grandes carências das lutas populares são de ordem subjectiva. O que indica de um modo bem preciso a actual tarefa dos revolucionários : construção das estruturas políticas partidárias que assegurem capacidade de resistência diante da repressão, e que sejam capazes de fazer evoluir a luta qualitativamente.

(5) O aparecimento do movimento "Resistência Popular Anti-Colonial" (C. 7), constitui um importante passo em frente na consciencialização anti-colonialista dos soldados Portugueses na medida em que indica a justa resposta ao capitalismo : a adesão as lutas populares, apontar a espingarda contra os burgueses e não contra as massas trabalhadoras.
Outros dados importantes que provam a mudança qualitativa da luta do soldado português, são : o aumento considerável da deserção, na sua maioria dos casos com as armas, as revoltas nos quartéis que se multiplicam, o enorme aumento de propaganda anti-colonialista nas casernas de Portugal e Colónias (o cartaz "Nós desertamos com armas" do "Comunista" nº 6, foi fixado no interior em vários quartéis e foi redistado por camaradas Portugueses e Angolanos).

(6) Se historicamente é verdade que esses dirigentes não representavam senão "eles e só eles", não é menos verdade que tendencialmente eles representam determinados grupos políticos da média e pequena burguesia. Os exemplos dos grupelhos liberais, radicais, etc., não faltam por esse Mundo.

(7) Que, evidentemente, não se faz administrativamente ou por decreto, editando toneladas de pseudo-marxismo-leninismo, ou pretensos "programas de partido". Nem estudando "teòricamente" a realidade portuguesa a partir dos clássicos marxistas ! A construção do Partido faz-se na acção de massas, na mobilização dos revolucionários actuando no interesse concreto do proletariado e do campesinato, teorizando a prática diária da luta.

VIVA A RESISTÊNCIA POPULAR DO POVO BASCO!

Grèves, protestos e combates de rua : o povo de Espanha em luta. Manifestações de cólera em todo o mundo; as forças reaccionárias tremem diante do movimento de luta popular. A ditadura capitalista-burguesa espanhola, encabeçada pelo assassino Franco, levantou uma pedra para a deixar cair sobre os pés.

A farsa do processo de Burgos através da qual se pretendia continuar a amoradaçar e aterrorizar o povo basco voltou-se contra a própria ditadura burguesa: é o povo o acusador, é o povo que tem a palavra.

A burguesia capitalista-fascista espanhola mostra que a sua aparente arrogância esconde o medo e a sua fraqueza. As divisões no seio das diversas facções dirigentes acentuam-se e as contradições agudizam-se; por outro lado, a luta cimentou a unidade dos trabalhadores e do povo, esta imensa força popular consciente do seu poder apresta-se a desferir o último golpe no regime odiado.

Qualquer que sejam as medidas decretadas, qualquer que seja o resultado do julgamento, o processo revolucionário popular em Espanha acelera-se a passos de gigante.

O que é a E.T.A.:

Organização resultante da cisão do Partido Nacional Basco que representava a ideologia e os interesses da pequena-burguesia depositando confiança nas burguesias capitalistas ocidentais para restabelecer os legítimos direitos do povo basco: a autonomia, direito reconhecido pela República espanhola e suprimido com a subida do fascismo ao poder : A ETA regrupa os militantes mais radicalizados e conscientes, assenta a sua estratégia na luta do operariado e visa a conquista de uma sociedade socialista.

Com a formação da ETA, a unidade popular desenvolveu-se e cimentou-se através do combate constante contra a ditadura. A resistência popular eleva-se gradualmente a formas de luta cada vez mais decididas pondo em perigo a própria existência do governo franquista. A repressão abate-se ferozmente sobre o povo basco e particularmente sobre a sua organização de vanguarda. É neste contexto de violência revolucionária contra a violência contra-revolucionária que a ETA executa o torturador nazi Manzanas, chefe da polícia secreta (equivalente da PIDE/DGS portuguesa) e autor de inumeros crimes. Vários militantes revolucionários são presos e acusados sem a mínima prova de assassinato. A burguesia fascista decide um julgamento de pura forma, as penas há muito que eram do conhecimento geral, tudo corria pelo melhor, apenas ... tinham esquecido a fúria do povo em luta !

Se IRKO e os seus companheiros tombam, milhares de trabalhadores tomarão o seu lugar.
O POVO É INVENCÍVEL QUANDO LUTA !

VIVA A LUTA REVOLUCIONÁRIA DO POVO BASCO !

BURGUESIA TU TENS MEDO, TU ASSASSINAS O POVO.

Da prisão , um camarada dos movimentos de libertaçao das colónias portuguesas enviou-nos o seguinte documento:

Situação dos presos politicos das Colónias portuguesas em cadeias e campos de concentração:

Se alguns presos politicos das colónias portuguesas estão detidos nas cadeias de Peniche e de Caxias, a sua esmagadora maioria encontram-se nas cadeias centrais existentes em quase todos os distritos das colónias - antigas cadeias comuns que a partir de 1961 se transformaram em prisões políticas -, e sobretudo nos chamados "campos de recuperação , na realidade campos de concentração de modelo nazi. Estes campos, em Angola, encontram-se localizados em diversos distritos. Principalmente no Bié, em Moçamedes, na Baía dos Tigres e Baía Farta, no planalto de Nova Lisboa - Huambo e em Benguela, e eram antigos redutos de degredo que acolhiam os Angolanos que por qualquer motivo caíam presos em rusgas dos colonialistas, e aí se tornavam mão-de-obra escrava utilizada como "regenerados" - trabalho prisional forçado. Também em Moçambique, na Guiné e em Cabo Verde, além das cadeias centrais utilizadas para presos políticos, existem campos de concentração, nomeadamente na Ilha dos Porcos (Guiné), na ilha de S.Santiago-Campo Tarrafal- e na ilha do Sal (Cabo Verde).

Nestas cadeias e campos de concentração estão detidos dezenas de mulheres e crianças africanas, vivendo em péssimas condições sanitárias, sofrendo de fome e doenças, sem qualquer assistencia médica, sujeitos à feroz repressão dos carcereiros colonialistas e a bárbaras torturas que causam a morte de muitos e a inutilização física de outros. Alguns são pura e simplesmente chacinados ou fuzilados.

E tudo se passa perante a ignorância ou indiferença das potencias do Ocidental "mundo livre" que patrocinam o colonialismo português, e cujas organizações ditas humanitárias fecham os olhos e ouvidos aos apelos dos orgaos e comissões de apoio dos movimentos de libertação das colónias portuguesas que lhes denunciam os crimes cometidos contra os povos africanos. A Cruz Vermelha e outras organizações humanitárias internacionais têm frequentemente sido chamadas a observar e a denunciar o que se passa nas cadeias e campos de concentração colonialistas ou não o têm conseguido ou se recusam a fazê-lo, ou então ricamente obsequiadas e pagas pelo governo capitálista português, falseiam descaradamente o que observaram e fazem relatórios elogiando as condições dos campos onde os patriotas vão sendo exterminados.

Esta atitude das organizações ditas humanitárias não se explica apenas pelas valiosas benesses com que o governo colonialista português as recompensa, mas sobretudo porque sob o domínio imperialista, todos os meios de informação-rádio, T.V., imprensa - como todas as organizaçoes beneméritas e humanitárias, foram criadas para servir os grandes Trusts capitalistas e fazer a apologia do "mundo livre".

O governo português (como também o de Espanha e do Brasil), repetidamente afirmam não ter presos políticos, mas apenas malfeitores condenados pelos tribunais por actividades subversivas ou terroristas contra a segurança do Estado. Porém, o absurdo da afirmação é patente: se alguém se ressurge contra a constituição vigente num determinado país é porque não está de acordo com o sistema político por ela estabelecido defendendo a sua substituição por um sistema político diferente, actuando portanto políticamente e sendo assim, uma vez detido, preso político. E se mesmo nos mais democráticos dos países capitalistas que nao subjugam directamente povos coloniais insurgidos, existem presos políticos, cómo pode Portugal, que oprime ferozmente e faz a guerra aos povos das colónias, que lutam de armas na mão pela sua idependência pretender nao ter presos políticos!

Como chamar então as muitas dezenas de homens e mulheres, que nas cadeias do Porte de Peniche e de Caxias cumprem pesadas penas de prisão ou perpétuas "medidas de segurança" ou aguardam julgamento em tribunal político? E o que são a centena e meia de Angolanos, guineenses e Cabo-verdianos internados, muitos de há longos anos no campo de extermínio do Tarrafal, na ilha de S. Santiago, arquipélago de Cabo-Verde? E nao serao também presos políticos ou prisioneiros de guerra as dezenas de milhares de africanos encerrados nas cadeias e campos de concentraçao de Angola, da Guiné e Moçambique?

O cristão do mundo ocidental e as organizações internacionais, a cruz vermelha, a C.M.S., nunca terão ouvido falar destes presos, destas cadeias e detes campos de concentração? Nunca terão recebido quaisquer relatórios sobre os morticinios as torturas, as privações, os vexames, as humilhações a que esses milhares de homens, mulheres e crianças estão sujeitas? Talvez prefiram "cristamente" passar um véu sobre tais barbaridades.

O conluio das chamadas organizações humanitárias internacionais com o colonialismo português e os seus crimes e atrocidades patenteia-se bem n nas declarações fornecidas, segundo a imprensa portuguesa, por um delegado da Cruz Vermelha internacional, sobre as condições existentes no campo de concentração do Tarrafal - Cabo Verde, que seriam boas e de tal ordem que alguns dos presos se encontravam mesmo "em condições físicas de participar nos jogos olímpicos".

Talvez este ilustre membro da C.V.I., que teria visitado o Tarrafal, nos pudesse esclarecer sobre o número exacto dos presos que aí se encontram, as suas idades, as penas a que foram condenados, quantos não foram submetidos a qualquer julgamento. E seria bom entao que nos descrevesse também as condições em que os presos vivem, as privações a que estão sujeitos, o rigor da opressão e repressão a que estão sujeitos. Neste caso teria concerteza de devolver ao governo português os milhares de dólares que em paga recebeu.

No célebre campo do Tarrafal existem actualmente no mínimo 150 presos em que se incluem velhos, mulheres e crianças, deportados de Angola e da Guiné-Bissau, dos quais pelo menos 90 foram condenados por qualquer tribunal e cuja prisão é assim ilegal à face das próprias leis portuguesas. Nas cadeias e campos de concentração de Angola, da Guiné e de Moçambique, amontoam-se algumas dezenas de milhares de presos políticos e prisioneiros das guerras de libertação colonial, muitos deles detidos desde 1959, antes do início da insurreição angolana, guineense e moçambicana; destas dezenas de milhres, no mínimo escassas dezenas terão sido submetidos a julgamento.

E ja nao se fala nos métodos utilizados para extorquir declaraçoes aos presos tais como chicotadas, golpes com instrumentos cortantes, escortejamentos de membros, de orelhas e de olhos, introduçao de paus aguçados e cigarros acesos no ânus e no sexo, enforcamento forçado dos presos uns aos outros, por vezes membros da mesma familia, para o ultimo preso vivo acabar por ser bárbaramente morto pelos torturadores.

✱

Foram ultimamente enviados para o Tarrafal, acusados de participação no processo aberto pelo Governo contra possíveis simpatisantes dos movimentos de libertação :
Alberto Justino Vaz da Conceição - militar
Eduardo Santana Valentim - estudante de engenharia
Gilberto Saraiva de Carvalho - estudante de medicina e oficial miliciano
Jaime Gaspar Cohen - est. do Inst. Com. e militar
Vicente J. da Costa Pinto de Andrade - est. Inst. Com.
Justine Pinto de Andrade - est. de medicina
Bernardo Lopes Teixeira - est. Inst. Ind. e empregado do Estado interino
Alberto Joao Correia Neto - est. de medicina
Alcino Borges - est. de engenharia
Paiva Domingues da Silva - já esteve 9 anos no campo de concentração de Moçamedes, sem julgamento ; dois meses depois da libertado, foi novamante preso.
Francisco Caetano - trabalhador
Makiala - trabalhador como alfaiate
Tito Armando dos Santos - trabalhador
Antonio José Gonçalves Capita - trabalhador

✱

A PIDE ASSASSINOU recentemente 18 presos politicos, entre os quais Joel Guduame, na cadeia de Machava, Moçambique.

Joel representava na cadeia a resistência organizada contra o aliciamento constante para a "reabilitação" dos presos.

Esta campanha de reabilitação tinha sido iniciada em grande força pela PIDE em 1968, depois da traição de Rui Nogar e outros, que colaboraram largamente antes de serem libertados.

A reabilitação consistia em colaboração na escola de alfabetisação, no jornal oficial da cadeia, chamado "Ressurgimento", e era premiada com varios benifícios, como nomeação para o lugar de capatas em trabalhos agricolas ou de construção, e esperanças de libertação. Entre os recuperados encontra-se o Matias Boas, que colabora na secção desportiva do jornal. Na altura da prisao do Kavandame, o jornal enviou dois dos seus reporteres para o entrevista no Norte.

Joel, preso em 1964 no Sul do Save, enviado da Frelimo, tentava organisar uma frente que se recusava a ser recuperada. Por denuncia, foi-lhe revistada a cela e encontrou-se material muito importante, como listas dos presos dispostos a resistir, mensagens, etc.

Depois de revistada a cela, Joel e mais 25 presos foram separados dos outros, e ameaçados pela DGS-PIDE. 8 deles capitularam imediatamente, mas os restantes foram submetidos ao isolamento, espancamentos diarios, e uma refeição por semana, tendo resistido durante dois meses neste regime, ao fim do qual morreram.

DENUNCIEMOS OS CRIMES DO COLONIALISMO PORTUGUÊS!

INTENSIFIQUEMOS A LUTA CONTRA A BURGUESIA -

ESSA É A MELHOR SOLIDARIEDADE QUE PODEMOS PRESTAR AOS PRESOS POLITICOS DAS COLÓNIAS!

COL. "TEXTOS MARXISTAS"

"Manifesto do Partido Comunista". Karl Marx
"A nossa estratégia da Guerrilha". N.V. Tiem
"Democracia burguesa e ditadura do proletariado". Lenine
"Critica e Auto-critica". G. Monnossenu
"Contra o liberalismo". Mao Tsé Toung
"Socialismo e Religiao". Lenine
"Plataforma da Internacional Comunista".

COL. "ARMAS CONTRA A BURGUESIA"

"Catecismo do soldado".

LUTA CONTRA A BURGUESIA !

CORTA E COLA

PARTIR DAS MASSAS • VOLTAR A ELAS

Os vários ataques feitos à bomba aos navios transportadores de homens e material para a guerra colonial, assim como à escola de instrução da Pide e ao departamento cultural da embaixada dos E.U.A. são eficazes ou não?

Esta é a primeira questão que o militante revolucionário se põe.

Como alvos político-militares. A burguesia impõe e mantém o poder pela força. Para efectuar isso, ela precisa de uma máquina de guerra. Esta máquina compõe-se do Exército, polícia, justiça e instituições culturais.

Para que o povo se liberte da exploração a que está submetido, ele tem de destruir as armas da burguesia e tomar o poder, sob a direcção da classe que se opõe imediatamente a esta, o proletariado.

Todo o militante revolucionário em qualquer passo que dê, põe a questão do poder, e portanto da destruição do poder burguês. Este é o objectivo da guerra revolucionária.

Sabotar, decompor, neutralizar e destruír as armas da burguesia são as várias formas de luta utilisadas durante a guerra revolucionária.

COMO DESENCADEAR A LUTA ARMADA ?

Como foi definido no "C." nº1:

"Mas, como desencadear a luta armada? Dizia Marx: "a revolução só poderá ser feita com o sangue e com o sacrifício dos operários". Quer dizer: podem ser feitas acções armadas vitoriosas por elementos estranhos à classe operária , mas o processo revolucionário não avança. Porquê? Porque não foi o explorado quem as realizou, essa acção violenta não fez parte da agitação das massas da fábrica ou da aldeia, a consciência revolucionária do trabalhador continua na mesma. Muitas vezes nem sabe da existência dessas acções, outras vezes é informado pelos jornais que se trata de ladrões ou de vulgares assassinos."

Quando o militante revolucionário se põe a questão da eficácea da acção revolucionária, não se refere aqui à utilização da violência revolucionária no desenvolvimento da luta de classes, mas à necessidade de tal acção nascer num momento dado da luta de classes, tanto em relação à experiência revolucionária das massas, assim como à experiência revolucionária da vanguarda à qual pertença.

O MILITANTE ANALISA A REALIDADE

Condições objectivas :

A guerra colonial, principal contradição no nosso país, é susceptível de mobilizar largas camadas do povo na luta de resistência contra um punhado de capitalistas assassinos.

- A burguesia portuguesa assassina os povos das colónias que lutam armas na mão contra a opressão a que também estão submetidos os trabalhadores portugueses.
- Ela explora os trabalhadores (impostos muito elevados, economia cática e segundo a lei do maior proveito)- Os trabalhadores vivem na miséria; eles fogem ou lutam.
- Ela vende o país aos imperialistas e em troca recebe armamento para a guerra e investimentos na indústria. Ela tira a terra aos trabalhadores portugueses para dá-la aos imperialistas.

O Camponês é privado do seu alimento quotidiano. Ele vive na miséria; ele foge ou luta.

O Operário está sempre sujeito a ficar sem trabalho, pois tal fábrica fecha por não dar mais nada. Quem paga as favas da concorrência capitalista é o operário botado no meio da rua, trabalhando como um doido para produzir cada vez mais. O operário vive na miséria, ele foge ou luta.

- A burguesia mutila e assassina os filhos do povo (operários e camponeses em uniforme) numa guerra que não é a deles. Quem enche os bolsos é ela. O trabalhador submete-se, foge ou luta
- Ela prepara ideológicamente os filhos do povo a lutarem contra os seus próprios interesses. O primeiro ensaio prático é nas colónias. O trabalhador uma vez experimentado, reprimirá os seus próprios irmãos de classe, quando a revolta estalar em Portugal (greves, manifestações, etc.); o trabalhador penetra-se dessa ideologia ou foge.
- A burguesia vende os próprios trabalhadores aos imperialistas, seja mandando-os para o mercado de escravos no estrangeiro, recebendo por estes corpos dinheiro e investimentos, seja construindo fábricas em que o operário é directamente explorado pelos imperialistas estrangeiros (o caso das fábricas de lanifícios para a Suécia).

A fuga foi até hoje uma das formas principais da recusa desta guerra feroz, pelas massas trabalhadoras portuguesas.

Recusa à miséria crescente em que se encontravam. Recusa a uma guerra que lhes é longínqua.

Este não-alinhar na guerra da burguesia, a maior parte das vezes escolhe o "melhor caminho": a emigração.

Não é de admirar, pois esta recusa nunca foi politisada, e tinha como objectivo satisfazer os interesse imediatos dos operários e camponeses na miséria. - Ganhar o suficiente para comer.

A primeira porta: a emigração. Portá aberta pela burguesia para que a revolta popular não pusesse um termo ao seu poder. O ouro brilha lá nas Franças e nas Alemanhas.

Hoje, os colonialistas e os neo-colonialistas propoem-lhes as colónias quando é gente que tem "garra", o que quer dizer serem capazes de morrer a defender as propriedades da burguesia.

Condição subjectiva :

A politização das massas, tarefa que a vanguarda operária (o P.C., deveria ter executado, não se efectuou, pois a cabeça dessa vanguarda tomou posições nitidamente colaboracionistas com a classe no poder.

No exército, apareceram várias formas de resistencia:

- os refractários (anti-militaristas ou indivíduos com perspectivas políticas)

→

-os desertores passivos que tomaram consciência durante o seu treino militar; e os mais politizados;
- os desertores activos (com perspectivas políticas).

A resistência revolucionária não abrangeu as largas massas de operários, camponeses, soldados e estudantes. Ela foi efectuada individualmente, e por elementos que já possuiam uma prática revolucionária.

SITUAÇÃO ACTUAL

Surgem formas diferentes de luta de massas

Contra a guerra colonial (manifestação do 21 de Fevreiro), contra a exploração da burguesia(greve da Lisnave, greve da Carris, greve das mulheres nas fabricas de conservas no Algarve) e contra a opressão(1º de Maio no Barreiro, e recentemente as barricadas de pedregulhos feitas pelos pescadores de Castelo da Neiva), o que corresponde a um amadurecimento das contradições entre a burguesia e o povo, e por outro lado que este vai-se libertando das cadeias que até aqui o tinham adormecido(a propaganda fascista assim como a revisionista foram neste campo bastante eficazes).

Se ele não se desenvolveu, é porque não tinha perspectivas claras e por conseguinte não estava organizado.

As forças da extrema esquerda não estando suficientemente organizadas, não conseguiram levar a cabo uma prática coerente e organisada, unindo o povo contra a guerra da burguesia.

Hoje a luta revolucionária em Portugal desenvolveu-se e traz perspectivas novas(criação do movimento de Resistência anti-colonial:R.P.A.C., ler no nº7 "o Manifesto Anti-colonial")

Tenta-se sair da saia dos colaboradores revisionistas e de levar a cabo uma prática independente que assenta em dois aspectos fundamentais;trabalho de massas - união na luta dos operários camponeses e reagrupamento da esquerda revolucionária (marxista-leninista) portuguesa com base nesse trabalho de massas.

A esquerda revolucionária portuguesa necessita de acções do tipo "bombas-estimulantes" para se implantar nas massas,desenvolver com base nelas a guerra revolucionária e consolidar a organisação de vanguarda(o Partido)?

A esquerda revolucionária portuguesa desenvolveu sufeciente trabalho nas massas populares, para que estes alvos pareçam claros aos olhos delas, e que a façam avançar na luta, isto é, na etapa em que estamos,acções como estas mobilizar de antemão as massas populares, e fazem-nas avançar para a sua organização?

Quais as tarefas imediatas da esquerda revolucionária portuguesa,para começar e levar a cabo a guerra revolucionária do povo português, sob a direcção do proletariado?

Quando se defende a necessidade de uma ligação às massas,o que se deve entender por "linha de massas"?

A acção balofa e cobarde do revisionismo?

O paternalismo e reaccionarismo de uma pseudo-extrema esquerda,que julga ligar-se às massas através da organização das "distracções" do trabalhador,distracções essas vistas unicamente através do prisma mutualista,divertimentos e bebedeira?

A LINHA DE MASSAS

UNIR-SE AO POVO - UNIR O POVO

Esta unidade só será real quando surgida da luta.

Ela implica que o revolucionário tente uma prática proletária nas massas, e que não esteja a reboque delas.

Em que consiste este trabalho revolucionário?

Como tem vindo a ser proposto pelo "Comunista":

- Nas fábricas: Formar núcleos de militantes sólidos nas fabricas e no exterior,a volta delas.(3.

Para bem conduzir o seu trabalho revolucionário, eles deverão sempre investigar perto das massas trabalhadoras o que as oprime, e do que elas necessitam para se defender dessa opressão. Ligar as lutas nas fábricas às lutas de outras camadas da população(soldados, estudantes, camponeses, pescadores).

O núcleo, do correcto trabalho de massas que efectuar, consolidar-se-á e poderá passar a nova etapa de luta apoiado pela maioria do povo e nunca desligado dele. Ele escolherá os objectivos a atacar, não segundo o que a ele e só a ele lhe parece necessário mas em função das necessidades das massas nas quais já se fez um trabalho de mobilização e de revolucionarização ideológica. Nesta fase a agitação e a propaganda sãonecessárias como armas que permitirão a mobilização e a passagem a formas de luta superiores. Na fábrica, sabotar a produçao quando o patrao nao aumenta, ou em caso das condiçoes de trabalho serem muito duras. Liquidar o Pide local; rebentar com o posto da Guarda Republica na que acaba de reprimir uma manifestação ou uma grève, organizar a auto-defesa violenta das manifestações, são acções politico-militares que farão avançar as massas, pois imediatamente ligadas aos problemas que se lhes puseram.

- No Exército: A pág. central do "C"nº6 propunha formas concretas de luta a realizar no exército.

O nosso objectivo é de fazer a guerra à burguesia, para destruir a sua imunda guerra.

Politizar no seio do Exército os operários e camponeses em uniforme que se revoltem contra a disciplina militar e a "súcia" dos coroneis e generais. Organizar a deserção. Formar comités de soldados-trabalhadores que tragam para o interior das casernas as lutas do povo, que levem para o exterior dos quarteis a luta dos soldados.

À volta dos comités nascerá a unidade soldados-camponeses-operarios.

- Nas faculdades, liceus,etc:
- Divulgar os crimes da burguesia colonialista-imperialista.
- Explicar e mobilizar os jovens estudantes contra a guerra.

As formas concretas encontrar-se-ão na própria luta.

- Ligar as lutas estudantis às lutas operárias, (reler o "C" nº3).

DESENVOLVAMOS O NOSSO TRABALHO DE MILITANTES NO SEIO DO POVO!

NOS PENC-NOS NA PRATICA SOLIDARIOS COM OS NOSSOS IRMÃOS NEGROS EM ARMAS!

ATAQUEMOS VIOLENTAMENTE A BURGUESIA ALI ONDE ELA OPRIME O POVO E ELE RESISTE!

"A TENDÊNCIA PRINCIPAL É

Contra as "sábias" opiniões dos chefes revisionistas, para quem o movimento revolucionário está eternamente em refluxo, a revolta internacional das massas populares prova que a tendencia geral é a revoluçao, desmentindo assim os teóricos de gabinete. As forças da burguesia redobram de crueldade, assassinam e exterminam, perseguem e prendem as vanguardas populares. Para os revolucionários, essa nao é senao uma prova do medo que se apoderou dos reaccionários de todo o mundo; nunca como hoje, se verificou tanta unidade entre as forças repressivas internacionais, tanto esforço para montar centros militares para protecçao do "Mundo livre" (Nato, Seato, organisaçao do Atlantico Sul, etc.).

Mas nada pode fazer parar a luta dos povos pela sua liberdade. A concentraçao das forças imperialistas e repressivas está a criar a unidade internacional das massas trabalhadoras. Lutando contra o capitalismo e contra o revisionismo, as forças populares estao a pôr em prática a frase final do "Manifesto Comunista": "Proletários de todo o mundo, uni-vos!". Fonuemos alguns exemplos recentes da luta internacional:

ASIA-o imperialismo Americano, cada vez mais cercado, vê-se obrigado a retomar os bombardeamentos sobre o Vietnam do Norte, tentando num último esforço aniquilar as forças guerrilheiras da Indochina. Mas é tarde: as massas camponesas e o povo trabalhador vivem hoje na sua maioria em zonas libertadas, onde poem em prática a organisaçao socialista, étapa para o comunismo. Na India, o movimento naxalista (marxista-leninista), poderosamente implantado nas massas, resiste a selvagem repressao que se abate sobre ele, repressao essa exercida com o consentimento aberto dos revisionistas indianos.

AFRICA-os movimentos guerrilheiros espalham-se e desenvolvem-se como um rastilho: Palestina, Dofar, colónias portuguesas, Rodésia, Africa do Sul, Tchad; resistência popular contra os governos reaccionários no poder (Senegal, Arábia, Etiópia).

AMÉRICA LATINA-desde os países mais reaccionários, como Brasil, Bolivia, Argentina, onde o campesinato e o operariado se organisam e pegam em armas, atacando as forças fascistas no poder, até às chamadas democracias estilo Uruguai, onde o movimento Tupamaros impõe sucessivas derrotas ao governo,

sopram os ventos da revolta.

SUECIA-em ESPANHA, o Partido Comunista Espanhol sofreu uma cisao, montada pelo Partido Com. da Rússia, que se serviu para isso do general Lister; a cisao nao deu resultado, Carrilho e Dolores Ibarruri continuam a dirigir o aparelho revisionista, e Lister organisa outro partido tão revisionista como o outro, com meia dúzia de amigos que vivem na Rússia:

Contamos esta história, porque queremos focar o ridículo destas zangas de comadres, diante da corajosa luta do povo Basco e da adesão popular que se espalhou como uma faisca por toda a Espanha. Mais uma vez se prova: as massas populares não esperam pelos aparelhos revisionistas, elas sabem libertar-se e fazer evoluír qualitativamente a luta.

Em ITÁLIA, FRANÇA, nos países mais evoluídos do ponto de vista capitalista (INGLATERRA, SUÉCIA, etc.), o operariado organisa-se e luta, as vanguardas revolucionárias constituem-se, a burguesia é obrigada a deixar caír a máscara da liberalização, retomando os hábitos da ditadura burguesa.

US-no coraçao do policia do mundo, nas entranhas do monstro que comanda o extermínio e a exploração das massas trabalhadoras, os negros organisam-se e conduzem uma justa luta contra o capitalismo. O partido das Panteras Negras evoluíu para posições verdadeiramente revolucionárias, abandonando as suas iniciais posições politicas que repudiavam toda e qualquer colaboraçao com os revolucionários brancos. Compreendendo que a Revoluçao nao escolhe os seus militantes segundo a cór da pele ou mesmo a origem de classe, mas sim segundo os principios ideológicos do proletariado, o B.P.P. proporcionou a chegada ao movimento revolucionário Americano de importantes forças estudantis e intelectuais, começando também a influenciar o operariado N.-Americano.

Polónia:

EM SLUPSK, GDANSK, SZCZECIN, CIDADES PORTUÁRIAS DO BÁLTICO, OS ESTIVADORES REVOLTARAM-SE CONTRA O AUMENTO DA COMIDA.

A POPULAÇÃO ADERE À REVOLTA, E GRITA: "QUEREMOS EXPRIMIR, COMER E SERMOS TRATADOS COMO HOMENS E NÃO COMO VAGABUNDOS."

AS MILÍCIAS SOCIAIS-FASCISTAS INTERVÊM, REPRIMEM, MATAM. OS TRABALHADORES RESPONDEM, INCENDIANDO A RESIDÊNCIA MOLOTOV AS SEDES DO COMITÉ LOCAL DO PARTIDO E DA POLÍCIA. APESAR DA REPRESSÃO FEROZ PELO EXÉRCITO (TANKS, GASES E TIROS), A LUTA ESTENDE-SE A OUTRAS CIDADES, O POVO POLACO NÃO FOGE NEM SE AMEDRONTA APESAR DO CARÁCTER "NAZI" DESSA INTERVENÇÃO DAS FORÇAS DA "ORDEM". OS REVISIONISTAS NO PODER, ATIRAM AS CULPAS PARA O "COMPLOT INTERNACIONAL", OU PARA OS ELEMENTOS "ANARQUISTAS, DESORDEIROS E CRIMINOSOS", REPETINDO ASSIM OS ARGUMENTOS DOS PAÍSES CAPITALISTAS DIANTE DA JUSTA REVOLTA POPULAR.

SAIBAM SENHORES BURGUESES E BUROCRATAS QUE O "COMPLOT INTERNACIONAL" E OS BANDIDOS NÃO SÃO MAIS QUE O POVO QUE SE LEVANTA PARA VOS ESMAGAR DEFINITIVAMENTE

PARA A REVOLUÇÃO!"

AGRESSÃO à República da Guiné

A invasão da República da Guiné foi planeada pelo governador da colónia portuguesa da Guiné, António de Spínola, e pelo comodoro Luciano Bastos, comandante da defesa marítima da mesma colónia, e comandada pelo capitão tenente Guilherme Almor de Alpoim Calvão.

As forças invasoras eram constituídas por uma companhia de comandos indígenas encarregada de fazer a testa de ponte, um destacamento de fuzileiros especiais (o nº 21 reforçado por oficiais e elementos do 22) comandados e enquadrados por oficiais e graduados brancos, o grupo de fuzileiros especiais da escolta do Calvão e por um grupo de dissidentes da República da Guiné, num total de cerca de 300 homens.

Estas forças embarcaram em duas lanchas de desembarque grandes da classe "ALFANGE" que foram, por sua vez, escoltadas por quatro lanchas patrulha da classe "ARGOS".

Além destas forças, encontravam-se prontos a intervir os paraquedistas, os caças FIAT G 91 e os helicópteros ALOUETTE 3.

Não obstante terem destruído as lanchas da república da Guiné e libertado os prisioneiros retidos pelo P.A.I.G.C., a operação fracassou dado que o seu principal objectivo era derrubar Sekou Touré a fim de instalarem um governo favorável à política colonialista portuguesa.

O destacamento nº 21 de fuzileiros indígenas é comandado pelo 1º tenente fuzileiro do quadro de oficiais do serviço especial Raul Eugénio da Cunha Silva (nasceu em 12/1/43 e veio da reserva naval), secundado pelo 2º tenente da reserva naval Eduardo Madureira da Veiga Rico (nasceu em 30/6/46 este destacamento não participou na sua máxima força, pois não há muito tempo, durante uma acção, sofreu 3 mortos entre os quais o enfermeiro branco e elevado número de baixas, tendo sido evacuado o seu 2º oficial.

O destacamento nº 22, também de fuzileiros indígenas, é comandado pelo 2º tenente fuzileiro da reserva marítima, Alberto Rebordão de Brito, secundado pelo 2º tenente da reserva naval, Benjamim Lopes de Abreu, nascido em 11/3/45.

O Calvão já tem uma longa história de assassínios na Guiné. A sua carreira foi a seguinte: nasceu em 1/3/37, tendo sido promovido a oficial em 1/3/57, e a 1º tenente em 1961. Foi promovido por distinção em 1965 como prémio dos assassínios por ele cometidos durante a sua primeira comissão de serviço na Guiné-Bissau em 1963/64. Voltou para a Guiné em 9/8/69; actualmente está no Estado-Maior do Comando da Defesa Marítima da Guiné onde comanda uma força operacional de intervenção.

Cerca de duas semanas antes da invasão, esteve em Lisboa e consta que foi recebido pelo Marcelo Caetano. Igualmente se deslocou a Lisboa, por essa altura, o comodoro Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva, nascido a 24/10/13 e que, desde 24/1/69, é o comandante da defesa marítima. O governo português premeia os seus melhores lacaios e assim o Calvão, que em toda a Armada é considerado como um oportunista e um mercenário, recebeu além da promoção por "distinção", várias condecorações: valor militar, serviços distintos, cruz de guerra e, no último ano durante a cerimónia nazista do dia da raça (10 de Junho) foi condecorado com a "Torres e Espada" (a maior condecoração do País).

Depois do Calvão, o outro assassino profissional que tentou levar a cabo esta missão fracassada foi o 2º tenente Rebordão de Brito (nasceu a 6/2/42, alistou-se em 24/7/62 e foi promovido a 2º tenente a 28/10/68; tem sido enviado pelo governo fascista em missões especiais a vários países da Europa. Igualmente o Calvão se tem deslocado à África do Sul e à Rodésia.

Características das unidades navais invasoras: LEG, classe "ALFANGE" (duas).

Estas lanchas de desembarque podem transportar uma companhia com o respectivo armamento. Deslocam 500 toneladas, têm 187 pés de comprimento, estão armadas com 2 peças de 20 m/m e tem de guarnição 2 oficiais e 20 sargentos e praças; deslocam-se à velocidade máxima de 10 nós e têm uma autonomia para cima de 2.000 milhas.

LF, classe "ARGOS" (quatro).

(A silhueta destas unidades, ao longe, para leigos, poderá parecer um submarino. Daí, a confusão na República da Guiné.)

Deslocam 180 toneladas, têm 131 pés de comprimento, velocidade máxima de 17 nós e uma autonomia superior a 1.500 milhas. Estão armadas com 2 peças de 40 m/m e têm de guarnição 2 oficiais e 22 sargentos e praças. Além destas forças, estavam prontos a intervir os caças FIAT G 91 de fabrico italiano, os helicópteros ALOUETTE de fabrico francês. O armamento ligeiro usado na operação foi de fabrico russo adquirido em vários países da Europa.

★

Tendo em conta os factos que acabamos de descrever, podemos compreender a verdadeira natureza do imperialismo português. Com o apoio do imperialismo internacional, seguro da impunidade, com a ajuda em armas fornecidas pelos Estados Unidos, pela França, pela Itália e pela África do Sul, Portugal maniganciou uma operação militar contra a República Popular da Guiné.

Esta operação destinava-se a eliminar as bases de apoio do exército do P.A.I.G.C., da mesma maneira que os imperialistas americanos atacam constantemente o povo do Vietnam do Norte que apoia a luta da F.N.L. de Saigão. Mas os imperialistas portugueses falharam os seus projectos porque não contaram com um factor muito importante: a rápida organização das forças populares da Guiné e da heróica luta dos militantes do P.A.I.G.C.

O conluio imperialista contra a Guiné manifestou-se claramente na campanha internacional feita contra Sekou Touré, dizendo-se que a intervenção não era mais do que um assunto interno da Guiné: Sekou Toué contra os refugiados políticos do exterior. Ora, o carácter da intervenção é claro: o principal objectivo dos portugueses, quando entraram em Conakry foi o ataque à zona da cidade onde vivem os militantes do P.A.I.G.C. e a libertação dos prisioneiros.

Estamos ao lado do P.A.I.G.C. e da República da Guiné na luta contra o imperialismo e a burguesia portuguesa.

Viva a luta de libertação dos povos das colónias!

Abaixo os conluios internacionais!

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL

PELAS LUTAS DO POVO!

núcleos "O COMUNISTA"